

As considerações que submeti aos senhores na última sexta-feira e que tiveram por tema o mito, devem ser enquadradas no presente curso. Para tanto recorrerei a definição de Bachofen que já mencionei e que repito agora: "Mito é a exegese dos símbolos que articulam a vivência primordial de um povo". Essa definição está cheia de termos que pedem, por sua vez, a serem definidos, por exemplo os termos "vivência", "primordial" e "povo". Relegarei a consideração desses termos mal definidos para um pouco mais tarde e reduzi-rei, por enquanto, a definição para a forma seguinte: "Mito é a exegese de símbolos que articulam algo". É óbvio que essa definição concebe o mito como fenômeno linguístico, já que os senhores estarão lembrados que temos definido "língua" como "conjunto regrado de símbolos que articulam algo". A nossa definição do mito diz que mito é uma exegese de fenômenos linguísticos a serem determinados. O que é "exegese?" Sugiro que o termo "exegese" é sinônimo do termo "conversação", conforme esse termo tem sido aplicado no presente curso. Lembro que temos procurado definir conversação como aquele movimento linguístico que predica nomes, e que este movimento predicativo é um movimento explanatório de nomes, portanto uma exegese. Com efeito, vista a conversação como um todo, ela se apresenta como um movimento que se inicia com nomes próprios os quais são predicados em direção de nomes de classes. Os nomes de classes são produtos da exegese de nomes próprios, e a conversação é, se vista como um todo, esse movimento predicativo a partir de nomes próprios em direção de nomes de classes. Podemos portanto reformular a definição bachofeniana do mito como segue: "Mito é uma conversação que tem por assunto fenômenos linguísticos a serem determinados."

Bachofen nos diz como devem ser determinados esses fenômenos linguísticos, a saber pelos termos "vivência", "primordial" e "povo". Consideremos primeiro o termo "povo". É óbvio que não procurei dar aos senhores uma definição desse termo, já que ele é significativo em uma multiplicidade de camadas de significados, ou, como disse o prof. Leonidas na sua última exposição no IBB, em uma multiplicidade de universos do discurso. Determinarei apenas um pouco esse termo no nosso presente universo do discurso ao dizer que "povo" é o lugar no qual, (ou como) ocorre uma conversação determinada. Em outras palavras: "povo" é como a conversação de um determinado tipo ocorre. Dizer que mito é uma conversação que tem por assunto fenômenos linguísticos de um povo é portanto um paleo-nasmo. Proponho que seja eliminado, provisoriamente, o termo "povo" da nossa tentativa de definir o mito. Certamente teremos que reintroduzir esse termo num estágio mais avançado do nosso esforço. Consideremos o termo "vivência" no presente contexto. No original o termo reza "Erlebnis", isto é algo alcançado pela vida, um resultado da vida. Não me deixarei envolver por um argumento quanto ao significado do termo "vida", porque este seria certamente frustrado. Direi apenas que "vivência" é um termo que nomeia o instante imediatamente anterior ao surgir do nome próprio, e que é portanto a tentativa de nomear algo exterior à língua. Para evitar que recaíamos na discussão árida e metafísica quanto ao território

extralinguístico, direi que o conjunto das vivências é aquele conjunto inarticulado e amorfo, aquele conjunto das virtualidades das quais nomes próprios surgem. Ou, mutatis mutandis, direi que nomes próprios são articulações de vivências ainda não articuladas. Se a definição bachofeniana do mito diz que o mito é a conversação que tem por assunto vivências, diz com efeito que o mito é uma conversação que tem por assunto nomes próprios.

Por último consideraremos o termo "primordial" no presente contexto. O termo português "primordial" sugere uma primeira ordem. O termo alemão que Bachofen emprega é "urspruenglich", e este termo sugere um salto. Permitam que me aprofunde um pouco nesta ordem de ideias. Começarei pela segunda lei da termodinâmica, a qual é, como os senhores sabem, a própria pedra fundamental da física da atualidade. Essa lei diz, se traduzida para o nosso contexto, que o conjunto dos entes chamado "natureza física" tende de um estado de ordem para um estado de desordem, e chama a essa tendência de entropia. Na natureza física como um todo aumenta sempre a desorganização, e os sistemas organizados tendem a diminuir sempre. A entropia é igual a zero. O mundo da física tende para um derradeiro estágio de desorganização, chamado por alguns físicos de "Waermetod", isto é morte térmica, o que confere à segunda lei da termodinâmica um aspecto existencial por certo não suspeitado pelos cientistas que a formularam.

Pois esta é a tendência geral do universo do qual a física discursa. No entanto, existem nesse universo ilhas que denotam uma tendência inversa. Nessas ilhas opostas à tendência geral, nessas ilhas reacionárias de um ponto de vista universal a desordem diminui e a ordem aumenta. A entropia pode ser concebida como a medida do tempo do universo. Tempo significa aumento de entropia. Nas ilhas das quais estou falando o tempo corre inversamente. Enquanto que o universo da física como um todo se desforma, essas ilhas se informam. O aumento de informação é o oposto da entropia, é, como se costuma dizer atualmente, "negentropia". A ciência que trata dessa negentropia, dessa tendência reacionária à segunda lei da termodinâmica, chama-se "cibernética", da raiz grega "kybernein" (dirigir um leme). Em outras palavras: a ciência da cibernética estuda os fenômenos opostos à tendência geral da natureza. Por exemplo: se um cubo de sal se cristaliza de uma solução, algo informado surgiu, saltou, de um conjunto deformado, e este surgir, este salto, este acontecimento primordial, é o que a cibernética estuda no seu aspecto de informação crescente.

Pois deve ser óbvio para os senhores, no presente estágio de nosso argumento, que "aumento de informação" e "discurso linguístico" são termos muito semelhantes, e que cibernética estuda no fundo um aspecto da língua. Do ponto de vista da cibernética é toda essa tendência contrária à segunda lei da termodinâmica, toda essa tendência negentrópica, uma tendência articuladora. A articulação é a tendência oposta aquilo que chamei há pouco de vivência inarticulada. O nome próprio, ao articular a vivência, opõe-se a ela e inicia todo esse movimento predicador chamado "conversação" que é a negentropia daquilo que podemos chamar vagamente de "vida". A conversação é a negação da vida como conjunto de vivências brutas. O homem

como ser conversador, como ser pensante, está oposto ao conjunto das vivências brutas, e é neste sentido que podemos dizer que no homem assim concebido a informação cresce. Nessa oposição do homem ao conjunto entrópico do qual saltou reside a dignidade humana. A língua como conjunto de conversação que tendem para o aumento de informação é a resposta negativa a entropia. O homem como participante da língua é uma forma de ser que diz não ao mundo do qual surgiu e é por este "não" que o mundo é forçado a estabelecer-se em situações de realidade, isto é em situações de informação crescente. O homem é primordialmente, "urspruenglich", um ser negador da entropia, negador da desordem crescente. Dada no entanto a entropia como tendência universal, tudo isto equivale a dizer que o homem é um ser absurdo.

Voltemos para a definição bachofeniana do mito, que é o nosso tema. Diz ela que o mito é uma conversação que tem por assunto nomes primordiais, isto é de nomes que saltaram da desordem para estabelecer uma primeira ordem. Se identificarmos "ordem" com "cosmos", e se mantermos em mente aquilo que foi dito quanto à entropia, podemos reformular a definição como segue: "Mitos são conversações que têm por assunto nomes próprios estabelecedores de cosmos". O que é "ordem", o que é "cosmos"? É um conjunto regrado. É de que consiste esse conjunto? De símbolos que apontam o caos, a desordem da qual o sistema regrado surgiu. "Ordem", "cosmos", são sinônimos de "conjunto regrado de símbolos", portanto sinônimos de "língua" conforme temos definido esse termo. Podemos portanto dizer que mitos são conversações que têm por assunto a origem de línguas. Mas como a conversação é por sua vez um movimento linguístico, devemos definitivamente reformular a definição bachofeniana do mito como segue: "Mitos são como línguas surgem".

Certamente o coitado de um Bachofen ficaria aturdido se pudesse presenciar o nosso argumento. Mas não devemos esquecer que se passaram cem anos desde que Bachofen formulou a sua definição, e que muita conversação aconteceu nesse interim, aumentando as informações ao nosso dispor, em desafio à entropia. Recalquemos portanto os nossos escrúpulos de termos deturpado Bachofen, e prossigamos com o argumento. Procuremos enquadrá-lo nas considerações da última sexta-feira. Para tanto devemos re-introduzir o termo "povo" que temos eliminado. Direi que povo é o conjunto de participantes de uma conversação estabelecida por um ou mais mitos. Demos portanto inverter o pensamento bachofeniano. Para Bachofen o povo é o fundamento metafísico do qual o mito surge. Ele se revela assim tipicamente romântico e neste sentido nacionalista. Mas nós devemos dizer que é o mito que estabelece o povo. Repitamos a definição bachofeniana: "Mito é exegese dos símbolos que articulam a vivência primordial de um povo". O nosso argumento nos força a dizer o seguinte: "Mito é exegese de símbolos que articulam vivências primordiais em forma de um povo". Tomemos como exemplo a já surrada cultura andamanesa. "In illo tempore", isto é fora do tempo, aconteceu o mito digamos da batata doce. Havia um símbolo, um nome próprio, que articulava uma vivência primordial chamada "batata doce". A exegese desse símbolo, que é o mito da batata doce, estabeleceu uma ordem, um cosmos, uma língua, que é a ordem, o cosmos, a língua andamanesa. E ao estabelecer essa ordem, esse cosmos, essa língua, estabeleceu o povo. É total-

mente sem significado dizer que deve ter havido um povo que articulou esse mito. Para podermos articula-lo já devia ter disposto de uma língua, que por sua vez deve ter sido estabelecida por um mito, e estamos em típica redução ao infinito. Por mais insatisfatório que isto seja intelectualmente, e por mais que nos rebelamos intelectualmente contra essa barreira que o termo "primordial" estabelece, devemos contentar-nos com o mito como o desfecho tanto da realidade como do povo. O termo "primordial" é um termo de limite. Em nada adianta quereremos ir além desse termo. Conseguiremos apenas empurrar a origem para dentro do poço sem fundo do inarticulado, mas nunca conseguiremos ultrapassar a origem. A nossa civilização, dados os mitos que a estabeleceram, nutre fé em realidade que antecedeu a origem do mito andamanes, é uma fé naquilo que podemos chamar de "historicismo". Para nós havia algo anterior ao mito da batata doce, por exemplo, o desenvolvimento darwiniano. Para nós o mito da batata doce é um fenómeno enquadrado em processo. O que equivale a dizer que para nós o mito da batata doce, não é um mito. Mas para o andamanes o mundo surgiu com a batata doce, como para nós surgiu por exemplo por uma explosão termonuclear desfechante. Para o andamanes carece de significado a pergunta: "o que havia antes da batata doce?", como carece de significado para nós: "o que havia antes da explosão desfechante"? E que para o andamanes a batata doce é um mito, e para nós a física é um mito, e o mito é aquilo que estabelece o cosmos..

Os nossos projetos existenciais são realizações de virtualidades estabelecidas pelos mitos. O andamanes se realiza em função do mito da batata doce. Nós nos realizamos em função de uma multiplicidade de mitos. Nisso reside a diferença entre uma cultura primitiva e uma civilização digamos complexa. O andamento dispõe de poucos mitos para realizar-se, e nós dispomos de relativamente muitos. Somos seres mais livres, porque dispomos de mais escolhas. Mas no presente estágio do nosso argumento podemos especificar melhor essa diferença. Os mitos andamaneses estabeleceram uma língua cuja conversação é relativamente mais pobre, se comparada com as conversações que as línguas estabelecidas por nossos mitos permitem. O fato, por exemplo, de ter resultado a conversação andamanesa em um único instrumento, o arco, enquanto que a nossa resultou em multiplicidade de instrumentos, é explicável pela relativa simplicidade da estrutura da língua andamanesa. Aquilo que chamamos "pensamento andamanes" é um processo relativamente mais simples que o nosso pensamento. No entanto, é um processo tão cósmico quanto o é o nosso. A exegese dos símbolos que articulam vivências primordiais resulta em uma ordem tão universal no andamanes quanto nas nossas línguas. Com efeito, a civilização ocidental pode ser enquadrada no mundo andamanes com a mesma facilidade, com a qual pode ser enquadrada a cultura andamanesa no nosso mundo. O mito da batata doce explica tudo, inclusive explica a civilização ocidental na medida na qual essa irrompe na cultura andamanesa. Os nossos mitos explicam tudo, inclusive a cultura andamanesa, na medida em que ela se nos apresenta. Essa qualidade universal e abrangadora de toda exegese de todo mito, isto é essa qualidade universal de toda língua, é aquilo que permite traduções entre línguas. Línguas são sistemas regrados de símbolos que significam, cada um por si, a totalidade das virtualidades articuláveis. É claro que as traduções que esse caráter de todas as línguas permite desvirtuam mais ou menos o significado do original a ser traduzido. Se traduzo por exemplo "batata doce" por "Deus", ou "Deus" por "batata doce" desvirtuo

significados. <sup>4</sup> que, para falarmos com o prof. Reale, interpretei na primeira tradução o mundo andamanes a maneira ocidental, e no segundo caso interpretei o mundo ocidental à maneira andamanesa. Se compreendo bem o conceito de "pluralidade" de prof. Reale, é ele o seguinte: tenho a possibilidade de mudar de ponto de vista. Ou, para falarmos com a terminologia usada pelo prof. Leonidas, posso usar a língua andamanesa ora como língua objeto das nossas línguas, ora como metalingua, quando então as nossas línguas passam a ser línguas objeto.

Pergunto-me, no entanto, se esta possibilidade realmente existe, especialmente no caso exemplificado. Pergunto-me se o andamanes pode realmente interpretar a sua cultura de um ponto de vista ocidental, se pode realmente usar a nossa língua como meta-língua para interpretar a sua. Creio que ao fazer isto, perderá o andamanes a fé no seu mito, e deixará de ser andamanes nesse processo. O andamanes, enquanto ser empenhado em realização existencial que é um projeto contra a entropia, é um ser empenhado em um determinado mito. Não pode autenticamente ultrapassar esse mito sem perder-se em conversa fiada. O mesmo se aplica, mutatis mutandis, aos nossos empenhos e aos nossos mitos. Não conheço, é verdade, nenhum caso de um ocidental que procura interpretar os mitos ocidentais a maneira andamanesa. Mas casos muito semelhantes são bastante conhecidos, por exemplo o caso de Zen budismo nos Estados Unidos. Essa tentativa de saltar para fora dos mitos que estabeleceram o nosso mundo e que estabeleceram nós mesmos como seres pensantes dentro de um determinado conjunto de línguas, parece-me marcada pela inautenticidade. Se tenho razão com este meu argumento, isto limita severamente a "pluralidade" realcana, limita a possibilidade de transformar línguas objeto em metalinguas, limita a possibilidade de traduções, enfim limita a liberdade humana. Se tenho razão, somos seres severamente limitados pelos mitos que nos estabeleceram e que estabeleceram os nossos mundos. Neste sentido repito a imagem utilizada na última exposição, a saber a imagem das máscaras ao nosso dispor, e dos papéis que somos chamados a desempenhar no palco estabelecido por nossas línguas. A rebeldia contra isto me parece frustrada.

Permitam que mencione, neste contexto, o pensamento de Vicente Ferreira da Silva. Para ele a estrutura dos nossos mitos correspondia à estrutura das nossas frases, coisa da qual se dava conta apenas depois de ter tomado contacto comigo. Chamava essa estrutura de "sujeitiforme". Somos, de acordo com ele, lançados em meio de um mundo do qual somos sujeitos, e todos os nossos movimentos são dirigidos contra a nossa circunstância em gesto de ódio ao mundo. Devido a esse ódio que temos do mundo este se transforma em objeto manipulável, portanto aniquilável. A estrutura do nosso mito terá sido realizada, quando o mundo por nós odiado terá sido inteiramente manipulado, portanto terá sido alcançado aquele estágio que os nossos mitos chamam de "plenitude dos tempos". Esse estágio excatológico e paradisiaco estaria prestes a ser atingido por essas duas sociedades mais desenvolvidas que são a União Soviética e os Estados Unidos. Vicente Ferreira da Silva lutava desesperadamente contra essa tendência da nossa sociedade, pensando que talvez pudessemos quebrar o cerco que os nossos mitos estabeleceram em nosso redor e que ele identificava com cristianismo. Procurava aberturas para outros mitos, por exemplo os da Grécia olímpica, os africanos, ou da Alemanha antiga. Mas sabia intimamente da frustração das suas tentativas. Daí o

seu pessimismo.

Creio que todo este pensamento está viciado pela base. Desconsidera ou desconhece a tendência negentrópica de toda língua, tal como foi desfechada pelo mito ou pelos mitos que o estabeleceram, tende a aumentar o seu conteúdo informativo. A verdade que esse processo é acompanhado por outro deformador, que a cibernética chama de "ruído", e nós, no nosso contexto, temos chamado de "conversa fiada". Há indubitavelmente fases no processo linguístico, tal como o seja talvez a atual, na qual a conversa fiada parece superar a conversação, de modo que toda conversação pareça dirigir-se para um esgotamento em todo similar à entropia. Sociedades como a soviética e americana podem realmente parecer, em certos instantes, como exemplos da morte térmica que a segunda lei da termodinâmica sugere. Mas a estrutura fundamental da língua, que é, no caso das nossas línguas, a predicação de nomes próprios em direção de nomes de classes, garante que seja ela fundamentalmente uma negação da entropia. Pela conversação aumenta informação, qual quer que seja o montante de conversa fiada que a acompanha. Transferindo este argumento para o terreno dos mitos, podemos dizer que a estrutura da língua é tal que o impulso que ela recebe do mito seja inesgotável. Formalmente podemos provar essa afirmativa pelo fato de ser o significado de todo nome próprio inesgotável pela atividade predicatoria. Longe de se aproximarem os nossos mitos de uma realização derradeira, longe, para falarmos com Vicente Ferreira da Silva, de estar-se atualmente realizando o cristianismo pela teologia como realização do paraíso terrestre, estão sendo apenas esgotados, se isto, alguns aspectos do cristianismo, a saber aqueles dos quais trata a ciência exata e aplicada. Os nossos mitos são inesgotáveis, e a nossa história o prova. Prova-o também a vivência da poesia, cujo aspecto existencial já procurei analisar com os senhores, estamos sempre em contacto com os mitos. Com efeito, a poesia é uma exegese de símbolos que articulam vivência, (para voltar-mos a Bachofen) embora essas vivências talvez não sejam tão primordiais como o foram as vivências das quais mitos se estabeleceram. A poesia garante, pois, que os mitos desfechantes da nossa conversação continuem operantes sempre. Ou, como disse na última exposição, a poesia garante que os mitos estejam sempre "answersend", isto é, presentes e estabelecedores de realidades. Em outras palavras: por estarem os poetas sempre na proximidade dos mitos e abertos para eles, renova-se a nossa língua sempre pela poesia. A nossa época, a fase atual da nossa conversação, é caracterizada, e nisto tem razão Vicente Ferreira da Silva, por sintomas de esgotamento. Mas esses esgotamentos diz respeito apenas aquelas camadas de significado, (ou universos do discurso), que estão em maior evidência atualmente. Em outras camadas há um processo de reformulação poética dos nossos mitos que abre toda uma gama de novas investidas informativas. O pensamento em geral e o pensamento ocidental em particular, é um processo negador do caos, e essa negação é tão ilimitada quanto o é o próprio caos.

O que disse de Vicente Ferreira da Silva, aplica-se de certa maneira como argumento contra todo aquele pessimismo que caracteriza o pensamento existencial da atualidade. Impressionado pelos sintomas de esgotamento que caracterizam a conversação atual, tendem os pensadores existenciais a assumir posições anti-intelectualistas. Tendem a refugiar-se na vivência imediata, que é, obviamente, uma traição à dignidade humana, Mergulham no mito, mas não para lançar-se

contra ele num movimento de exagase predicativo, portanto com pensamento, senao para emudecer nele naquilo que chamam de "pensamento mítico" ou qualquer que seja o termo ao qual recorrem. Creio que uma análise existencial da língua supera esse tipo de anti-intelectualismo. Confesso que meu interesse pelo estudo da língua é motivado, em grande parte, por esta tentativa de evitar a perda do intelecto que nos ameaça no presente estágio da conversação que somos. É óbvio que existimos em momento de transição, isto é em momento no qual o universo do discurso predominante se acha em vias de ser esgotado e substituído por outro. Permitam que encerre esta exposição com um verso de Rilke: "Jede dumpfe Umkehr der Welt hat solche Enterbte, denen das frueher nicht, und noch nicht das Naechste gehoert" (Toda reviravolta torpe do mundo tem estas deserdados, os quais já não possuem o passado, e ainda não possuem o futuro).